



Associação Conquistas da Revolução

Nº 22 | DEZEMBRO 2018

Folha Informativa

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

03 | *Caros Associados e Amigos.*

04 | *Portugal e a UE de olhos em 2019.*

06 | *O mundo entre o caos e uma nova ordem por conhecer.*

08 | *Panorama Internacional ou como vamos vendo o Mundo em que vivemos.*

11 | *Salvador Allende*

12 | *Inauguração da Sede da ACR*

A Associação Conquistas da Revolução inaugurou no passado dia 22 de Novembro a sua sede nacional, situada na Rua Abel Salazar n.º 37A em Telheiras, Lisboa, contando com um grande número de convidados.



EDITORIAL

ANO NOVO, VIDA NOVA

Aí estão os desafios para 2019. Precisamos de mudar a situação e avançar para outra política e um governo democrático que acabe com um caminho de liquidação de direitos, de liberdades e de futuro.

A democracia é cada vez mais formal e, hoje mais de que nunca, temos que defendê-la e impulsioná-la. Destruição de possibilidades de progresso, dívida cada vez mais ameaçadora, juros e mais juros sufocadores de produção de riqueza, agravamento da vida dos trabalhadores e do povo, eis o que tem de ser enfrentado com a mobilização de todos os que amam a liberdade e querem construir um projecto frontalmente alternativo aos eixos da política de direita que só poderão levar a mais corrupção e ao desastre que se avoluma ano após ano.

Desenvolvimento livre e soberano. Combate à corrupção e à criminalidade económica e financeira.

Investimento decisivo na indústria, agricultura e pescas, sectores fundamentais para combater a pobreza e as injustiças diárias, o desemprego e a precariedade, acabando com os contratos de curta duração, os períodos experimentais que triplicam. Dar valor ao trabalho, aumento geral de salários, incluindo na função pública, salário mínimo justo e acrescentado, contratação colectiva, trinta e cinco horas semanais para todos, segurança social pública e universal, eis alguns dos direitos que temos de recuperar e impor.

Libertação da subordinação ao euro e renegociação da dívida, até acabar com tanto cancro espalhado na economia do país, na vida de quem trabalha e merece avançar com esperança e alegria. Está demonstrado

na prática que podemos mudar de rumo e assumir a condução dos interesses e ambições que são vitais para todos nós, para o nosso país.

Os desafios aí estão, claros e marcantes do que vai ser decisivo no próximo ano e nos anos seguintes. Clareza e frontalidade na luta, para abrirmos novos caminhos de dignidade, de progresso, de libertação e afirmação da sociedade portuguesa.

Aos revolucionários, aos trabalhadores, aos que fizeram e assumem os ideais de Abril, cabe agir e intervir para mudar os anos velhos e destruidores num novo ano e numa vida nova que todos merecemos e queremos.

Modesto Navarro

Vice-Presidente da Direcção da ACR



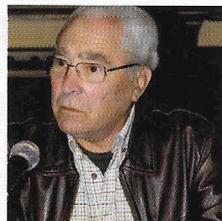
Associação Conquistas da Revolução

**O vosso contributo financeiro
é indispensável para a actividade
da Associação!**

PAGUE A SUA QUOTA!

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA
NIB 0035 2178 0002 9245 6304 6
ou DEPÓSITO
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
2178029245630

José Baptista Alves
 Presidente da Direcção da ACR



Caros Associados e amigos

No dia 22 de Novembro demos início a uma nova fase na vida da nossa Associação com a inauguração da nova Sede, na rua Abel Salazar nº 37 A, em Telheiras.

Para trás ficaram alguns anos de espera, muito esforço e determinação das anteriores Direcções da ACR e de muitos dos nossos associados e amigos.

Na nossa memória perpetuarão o inigualável acolhimento proporcionado pela Casa do Alentejo e o apoio solidário de muitas e muitas organizações que nos permitiram por de pé este magnífico projecto de criar um espaço de estudo, reflexão e divulgação das Conquistas da Revolução de Abril. A nossa actividade passará a estar centralizada nestas instalações cedidas pela Câmara Municipal de Lisboa, credora da nossa gratidão, com um horizonte sem limites para a grande ambição que nos une,

inspirados na figura ímpar do General Vasco Gonçalves, referência primeira da Associação Conquistas da Revolução. E prosseguirá, com todos os que a nós se queiram juntar, em todo o país, através dos núcleos já existentes no Porto, em Coimbra, em Évora, em Faro, em Rio Maior, ou outros que se proponham criar.

Os próximos grandes objectivos para o nosso trabalho, serão:

- As comemorações do 45º Aniversário da Revolução de Abril;
- A criação do “Centro de Documentação Vasco Gonçalves”;
- A preparação das comemorações dos 100 anos do seu nascimento.

Cumprir Abril é, “cada vez mais, necessidade imperiosa”.

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

Sugere-se a visita ao blogue e site da ACR onde são publicados todos os comunicados e noticiadas as iniciativas da Associação.

www.conquistasdarevolucao.pt

Portugal e a UE, de olhos em 2019

Vários dos problemas que Portugal enfrenta são indissociáveis do impacto de mais de três décadas de integração na CEE/União Europeia (UE) e da submissão às suas políticas e orientações.

Os persistentes défices do país – nos planos produtivo, alimentar, tecnológico, energético e outros – são inseparáveis das políticas comuns da UE, do Mercado Único e muito especialmente do Euro, a moeda única.

A Política Agrícola Comum (PAC) levou ao encerramento de centenas de milhares de explorações agrícolas, reduziu a superfície agrícola útil, promoveu o abandono rural, aumentou a dependência alimentar do país. A Política Comum das Pescas promoveu o abate de mais de metade da frota pesqueira nacional e aumentou a dependência das importações de pescado.

A Política Comercial Comum expôs a uma concorrência destrutiva vários sectores produtivos nacionais, em especial na indústria, diminuindo o emprego e o contributo deste sector para a criação de riqueza.

A liberalização forçada de vários sectores de actividade económica fragilizou os ser-

viços públicos e promoveu privatizações de consequências desastrosas.

O Mercado Único beneficiou as principais economias da UE e da Zona Euro mas prejudicou Portugal na concorrência desprotegida com economias mais desenvolvidas. Estes impactos nunca foram compensados pelos fundos estruturais e de coesão, insuficientes e mal aproveitados. A entrada na moeda única agravou todos os problemas pré-existentes. Para Portugal, o Euro significou aumento do desemprego, redução dos salários, degradação das funções sociais do Estado. Em vez de investimento, de expansão comercial e de crescimento, significou desinvestimento, degradação da capacidade produtiva, endividamento externo, estagnação e recessão. Em vez da convergência com a média europeia, significou divergência.

Com a dependência económica veio a subordinação política.

Em anos recentes, a pretexto da reforma da UE e do Euro, foi tecida uma teia de imposições e de constrangimentos à soberania dos Estados de autêntico recorte neocolonial. São as ditas “recomendações por país”, de acatamento obrigatório, a



fiscalização dos orçamentos nacionais, o pacto de estabilidade revisto, as ameaças de sanções e as sanções propriamente ditas.

Qualquer política soberana alternativa, que procure corresponder a justas aspirações dos trabalhadores e dos povos, confronta-se com a ingerência e a chantagem da UE.

Desencadeiam-se, assim, sentimentos de opressão nacional, que ajudam a explicar o ascenso de forças de cariz reaccionário e de extrema-direita em vários países. Forças que procuram instrumentalizar e manipular justos sentimentos de indignação e de revolta dos povos. Nessa medida,

a UE não constitui alternativa aos nacionalismos e à extrema-direita racista e xenófoba. Pelo contrário, é a UE que lhes abre as portas, assimilando também muitas das suas visões e concepções. A política migratória é disso exemplo, a par da intenção de desviar recursos da “coesão económica e social” para alimentar as despesas militares e a deriva securitária em curso.

Perante este quadro, vale a pena afirmar com convicção que uma outra Europa é possível e necessária. É possível e necessário construir caminhos alternativos de cooperação na Europa. Que contraponham à Europa do grande capital e das grandes potências a Europa dos trabalhadores e dos povos. Que contraponham ao retrocesso social o progresso social. Que contraponham às imposições supranacionais a democracia e a soberania dos povos. Que contraponham à ameaça da guerra a paz e a cooperação entre os povos.

Em 2019, com as eleições para o Parlamento Europeu, travar-se-á uma importante batalha neste sentido.

João Ferreira

Deputado do PCP no Parlamento Europeu

O Mundo entre o caos e uma nova ordem por conhecer

Uma nova ordem nasce no mundo, embora estejamos longe de perceber como virá a ser; e se apenas poderá definir-se através de uma guerra de nefastas proporções. Alinham-se tendências cada vez mais definidas nesta direcção, a partir de uma situação de caos onde continuam a ser dominantes o neoliberalismo, como sistema económico global, e o globalismo anglo-saxónico, como resistência ao desmantelamento da ordem unipolar.

A entrada em cena de Donald Trump está a provocar mudanças importantes, mas não plenamente ainda no plano internacional. É internamente que se regista o epicentro do abalo; há muito que não acontecia uma fractura tão significativa no chamado “Estado profundo” norte-americano, entendido aqui como o conjunto do establishment nas suas componentes de complexo industrial, militar e tecnológico e do aparelho político ao seu serviço.

A fractura passa por dentro de ambas as famílias políticas, dois ramos de um mesmo sistema que administra o país como um partido único, e mexe com todo edifício económico.

Os efeitos externos deste sismo devem considerar-se apenas mitigados em relação

ao seu potencial, porque a evolução da situação depende de uma clarificação interna norte-americana que ainda vem longe. Inclusivamente, onde se lê uma derrota de Trump nas eleições intermédias de 6 de Novembro, ao perder a maioria na Câmara dos Representantes, poderá observar-se também uma vitória, devido ao reforço da maioria no Senado, o órgão de última palavra, espécie de conselho de administração do establishment.

A expressão de Trump “a América primeiro” não é um mero slogan. Traduz uma aposta fortíssima na economia nacional através de um apoio multifacetado, antissocial e antipopular, às grandes empresas do país, todas elas transnacionais; mantendo, contudo, a estrutura globalista do sistema financeiro, porque é uma das principais armas imperiais entre as que asseguram o controlo planetário dos Estados Unidos. A outra é o aparelho militar – e aí existem convulsões notáveis que têm vindo a ser responsáveis, nos últimos dois anos, pela indefinição da política de expansão através da guerra – com avanços, contradições e recuos - e pelos invulgares incómodos existentes no interior da NATO.

Em teoria, a estratégia de Trump seria



provavelmente mais contida do que a dos seus antecessores no plano das despesas com as guerras, mas a tendência dominante naquilo a que pode chamar-se “o Pentágono profundo” continua a dirigir-se em sentido contrário.

Posto isto, é importante registar que, apesar dos embates políticos internos, a doutrina económica pela qual se rege a administração Trump é a ortodoxia neoliberal. No entanto, já é perceptível uma cisão quanto aos métodos para aplicar essa doutrina, que representa o Estado supremo do capitalismo, a sua versão mais cruel, selvagem, autoritária.

O neoliberalismo cindiu-se.

Se há uma cisão na prática neoliberal

norte-americana, neste aspecto a sua repercussão externa é imediata.

E existem várias expressões do fenómeno, a principal das quais é a crise de sobrevivência por que passa o globalismo de índole anglo-saxónica. Algumas delas poderão parecer contraditórias, mas enquadram-se na convergência de objectivos.

Atentemos na coexistência de situações como a extinção de organizações globalistas, por exemplo a Organização Mundial do Comércio e tratados comerciais multilaterais; acrescentemos-lhes o Brexit, a crise profunda em que a União Europeia mergulhou, as machadadas na ONU, as já citadas desavenças no interior da NATO e a multiplicação de regimes autoritários, nacionalistas, populistas e fascistas através da Europa e da América Latina.

Fascismos europeus e latino-americanos, como o de Bolsonaro, parecem marcados por contradições entre si, mas seguem no mesmo sentido que é o da congregação em torno da prática neoliberal em renovada versão – a qual admite, finalmente, a incompatibilidade entre neoliberalismo e qualquer forma

de democracia, mesmo mitigada. Isto é, o “neoliberalismo democrático” não existe e todos temos sido deliberadamente enganados.

A este quadro soma-se a emergência de blocos alternativos de médias e grandes potências inquestionavelmente neoliberais, mas não globalistas, a que se junta a China com a sua agenda muito própria. A expressão mais forte é o aparecimento dos BRICS – Brasil, Índia, China, Rússia e África do Sul – com os seus projectos que disputam terrenos até agora monopolizados pelo dólar, pelo FMI e Banco Mundial. Pelo que a fascização do Brasil era indispensável para as correntes que pretendem impedir a consolidação deste movimento.

Com todas estas tendências em movimento, reina o caos na ordem internacional.

Como reordenar a vida internacional? Os horizontes são confusos. Talvez a área ainda menos afectada pelas fissuras no interior do neoliberalismo seja a militar, que privilegia as “coligações” que tenham como objectivo matar os BRICS e qualquer variante ou subproduto no ovo.

Este é um cenário arrepiante, que pode degenerar em guerra mundial nuclear, tanto mais que abundam os traços que o vão delineando.

E sem que haja uma autêntica e forte alternativa social, humanista e progressista ao neoliberalismo.

José Goulão
Jornalista

Panorama Internacional ou como vamos vencer em que vivemos

Ao longo das últimas décadas e claro que estamos pensando nos observadores com alguns “anitos” de vivência e experiência de vida, fomos constatando que os conflitos de grande escala como a II Guerra Mundial - no 4º decénio do século passado – foram originados com sequência muito curta em tempo, por conflitos de menor escala e geograficamente mais “contidos” e com intervenientes directos mais reduzidos. Contudo sempre com a preocupação por parte dos provocadores de ir criando à sua volta apoios e intervenientes de segundo escalão que do mero apoio político nos areópagos internacionais a apoios em materiais e armamento, ou mesmo a mera permissão de estacionamento e passagem de forças militares, iam criando as influências necessárias para cada vez mais esses conflitos em áreas menores trouxessem para a discussão pública e tomadas de posição muitos e variados sectores quer na área ideológica quer na área político-financeira, acentuando, senão mesmo criando clivagens em países e zonas afastadas geograficamente da zona de intervenção e combate militar. Recordemos a Guerra Civil em Espanha ainda antes da

al

o Mundo



invasão da Polónia. Basta lembrarmos o que foi a Guerra da Coreia nos idos anos 50, para que quem a estude, mesmo por alto, observe o que essa guerra arrastou e as transformações que causou em todos os países limítrofes no extremo-orient.

As próprias guerras coloniais em que a França se envolveu na Indochina e posteriormente na Argélia, a Inglaterra na África Oriental, e claro que a Guerra Colonial que Portugal viveu desde a Índia iniciada ainda nos anos 50 com a sequência de Angola, Guiné, Moçambique e por último Timor. Todos estes conflitos desde a grande dimensão em perdas humanas como foi a Indochina, até os de menor dimensão como foi Timor arrastaram sempre conflitos diplomáticos políticos e militares, por vezes de grande duração com os países vizinhos.

Neste momento de grande incerteza quanto à paz no futuro próximo e cada vez com maior risco de um incidente nuclear,

que contra o que muitos pensam nunca será tão limitado quanto afirmam por aí os “promotores de conflitos”, vemos com grande preocupação o modo leviano de muitos responsáveis políticos e até a intervenção de seitas e crenças religiosas nomeadamente as de recente formação, a grande maioria até com menos de meio século de existência e que são “ajudadas e apoiadas” por serviços de inteligência, para habilmente seduzirem os seus apoiantes a tomar posições de apoio a forças políticas de carácter belicista.

Ao introduzir estes parágrafos apenas pretendo lembrar que cada vez mais num mundo que graças à Internet e globalização da informação, em poucos minutos se podem receber notícias actualizadas, também essas mesmas vias são frequentemente utilizadas e talvez até com mais êxito para a desinformação e divulgação das falsas notícias ou a deturpação dos acontecimentos, e até a propagação

de fotos deturpadas, muitas retiradas de outros acontecimentos, ou encenadas com esses fins.

Nunca como hoje se criam incidentes de “falsa bandeira” (para usar o termo traduzido do inglês) e que mais não servem que para justificar iniciativas militares que de outro modo não seriam “aceites e justificáveis”. Já ninguém se recorda como os Estados Unidos expulsaram os Espanhois de Cuba e das Filipinas, mas poderemos enunciar muitas e variadas mais recentes, incluindo a que no início deste século propiciou a grande ofensiva dos Estados Unidos nos países do Medio Oriente, já para não referir o célebre e internacionalmente reconhecido - posteriormente, claro - do pseudo ataque das lanchas torpedeiras vietnamitas ao navio de guerra americano que serviu para que os Estados Unidos iniciassem um dos maiores bombardeamentos das costas do Norte Vietname.

Claro que já na chamada “Guerra dos seis dias” os Israelitas também usaram o mesmo método atacando um navio de guerra americano e matando uma dezenas de marinheiros americanos....para que se acusassem os Egípcios de tal acto .

Enfim, hoje estamos vivendo tempos que criam a maior ansiedade, quanto ao futuro próximo num clima de total incerteza quanto à capacidade mental e ao discernimento de muitos políticos e governantes e não me refiro apenas a um dos lados do Oceano

Atlântico, pois vamos assistindo e lendo declarações de muitas figuras desta Europa que pessoalmente me levam a pensar na capacidade de entendimento dos votantes desses países ao colocarem “democraticamente” tais figuras no poder .

Talvez a grande maioria dos eleitores, antes de colocar os votos nas urnas, não pensaram...e não realizam o que podem ajudar a provocar nos países que os rodeiam...mesmo que hajam muitas centenas de quilómetros de permeio.

Penso que a esmagadora maioria dos cidadãos estará interessada na paz e segurança dos seus familiares e dos seus lares e por isso mesmo faço sempre a mesma pergunta, que aqui deixo para vossa reflexão: se assim é, porque apoiam e dão o vosso voto aos grupos e partidos que não garantem, promovem e defendem a paz, não só no seu país e dentro das suas fronteiras, e que também dão acordo ao envio dos seus cidadãos militares para missões de guerra no exterior?

Pensemos sobretudo no mundo em que todos pretendemos viver e deixar viver os nossos filhos e netos.

Manuel Marques Pinto
Vogal da Direcção da ACR

Este texto foi escrito desrespeitando intencionalmente o Acordo Ortográfico.



Salvador Allende

O 11 de Setembro de 1973 é um dia negro para toda a Humanidade. Um hediondo crime manchou e mancha a história contemporânea dos povos do planeta: “morreu um HOMEM”!

O palácio de La Moneda, em Santiago do Chile, cercado por um exército sublevado contra o seu próprio povo, transformou-se no centro do Mundo... e o Mundo nada fez. Pinochet ocupa a presidência e desencadeia uma feroz perseguição a todos os revolucionários, mandando executar sumariamente milhares de patriotas chilenos... e o Mundo não fez nada.

Por trás de Pinochet a CIA puxava os cordelinhos, orquestrava todo o processo, financiava e apoiava o golpe (que se de-

envolvia no âmbito da denominada “Operação Condor”)... e o Mundo nada viu, ou fingiu não ver. Aquilo era lá, no “quintal das traseiras” do gigante do Norte.

Nós, portugueses, também sabemos bem o que o embaixador Frank Carlluci, às ordens de Kissinger, veio fazer a Portugal em 1974/75: criar rapidamente as condições para acabarem os governos saídos da revolução de Abril e com um golpe apoiado pelo estrangeiro se instalarem os Governos Novembristas.

É toda uma história de intervenções da CIA e do Pentágono - e ultimamente também com envolvimento da NATO - em acções de desestabilização em países soberanos, visando o derrube de governos legítimos, que não se submetem aos seus desígnios. Estivemos, estamos e estaremos sempre solidários com a luta do povo chileno. A pátria de Pablo Neruda, de Víctor Jara, ficou para sempre gravada nos nossos corações.

Como em nós se enraizou, ainda mais, a certeza de que - servindo-me agora das últimas palavras de Allende - “muito mais cedo que tarde, abrir-se-ão as grandes alamedas por onde passe o homem livre, para construir uma sociedade melhor”.

José Baptista Alves
Presidente da Direcção da ACR

Arte, Cultura e Revolução

com a participação de: **António Modesto Navarro**, Escritor e Vice-Presidente da ACR e **Manuel Augusto Araújo**, Arquitecto.



ACR inaugura sede

A Associação Conquistas da Revolução inaugurou no passado dia 22 de Novembro a sua sede nacional, situada na Rua Abel Salazar n.º 37A em Telheiras, Lisboa. Depois de um longo e moroso processo, a nossa Associação tem finalmente um espaço onde será possível desenvolver uma nova fase de trabalho: nomeadamente com a recolha de documentação relacionada com o período revolucionário e com o General Vasco Gonçalves.

A inauguração contou com um momento musical onde actuaram Samuel e Nuno Tavares, e a mesa da cerimónia foi composta por Manuel Begonha, Presidente da Assembleia Geral, Batista Alves, Presidente da Direcção e António Modesto Navarro, Vice-presidente da Direcção.

Dezenas de instituições estiveram presentes, entre as quais: Embaixada da República Bolivariana da Venezuela, Casa do Alentejo, Grupo Parlamentar do Partido Ecologista “Os Verdes”, Câmara Municipal de Loures, AOFA, a Associação de Praças, a Juventude Comunista Portuguesa,

a Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, o GRECAM – Grupo Recreativo e Cultural dos Amigos do Alto do Mocho, o Clube Estefânia, a A25A, a Associação das Colectividades de Lisboa, o CPPC, a ADFA, a ANS, o Clube dos Sargentos da Armada, a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - AEFCSH, a Associação de Amizade Portugal Cuba – AAPC e a União dos Resistentes Antifascistas Portugueses - URAP. Enviaram saudações com votos de bom trabalho à nossa Associação, a Câmara Municipal de Lisboa, os Grupos Parlamentares do PCP e do BE, a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN e o Movimento Democrático de Mulheres.

